

DEPORTAÇÕES E PILHAGENS NO PERÍODO DE ASSURBANIPAL

Débora Corrêa Marinho¹
Guilherme Machado Siqueira²
Katia Maria Paim Pozzer³

RESUMO

A presente análise é parte dos estudos realizados no LAPEMA (Laboratório de Pesquisa do Mundo Antigo) e abordará o deslocamento de populações servis no período do soberano Assurbanipal (669 a 627 a.C.). Os principais documentos históricos analisados são os relevos parietais, obras artísticas monumentais confeccionadas em pedras de alabastro que evidenciam os aspectos políticos, econômicos e culturais da deportação no Antigo Oriente Próximo. Os conjuntos de lajes que formavam estas gloriosas narrativas demonstram a política assíria de expansão territorial. Na arte parietal podemos observar a ideologia empregada na confecção destas obras iconográficas, são motivos religiosos e de supremacia bélica que comprovam a hegemonia Assíria.

Palavras-chave: Assíria, guerra, iconologia, arte oriental, deportação.

ABSTRACT

This analysis is part of the studies in LAPEMA (Laboratório de Pesquisa do Mundo Antigo) and address population displacement during the servile sovereign Assurbanipal (669-627 BC). The main historical documents analyzed are the parietal reliefs, monumental artworks made of alabaster stone highlight the political, economic and cultural deportation in the Ancient Near East. The sets of slabs that formed these glorious narratives demonstrate the Assyrian policy of territorial expansion. In parietal art can observe the ideology employed in the making of these iconographic works are religious reasons and supremacy war that prove Assyrian hegemony.

Keywords: Assyria, war, iconology, oriental art, deportation.

INTRODUÇÃO

Os resultados apresentados e discutidos neste artigo fazem parte do Projeto Guerra e Religião- Estudo de textos e imagens do Mundo Antigo Oriental, este conta com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq – Brasil), da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS) e da Universidade Luterana do Brasil (ULBRA).

O presente estudo propõe evidenciar alguns aspectos da deportação no período do soberano Assurbanipal e refletir sobre os signos esculpidos nos relevos, dentro da temática

1 Acadêmica do Curso de História ULBRA/Canoas - Bolsista de Iniciação Científica PROICT/FAPERGS.

2 Acadêmico do Curso de História ULBRA/Canoas - Bolsista PROICT/ULBRA.

3 Professora Orientadora do Curso de História ULBRA/Canoas - Coordenadora do LAPEMA (Laboratório de Pesquisa do Mundo Antigo).

da guerra e da religião, sendo estas ações que se imbricaram e muito determinaram os destinos da humanidade.

Estas fontes iconográficas mostram o quanto para os Assírios a história era fundamental, pois à medida que os artesãos esculpiam, os soberanos e suas conquistas se imortalizavam. Para os antigos habitantes da “região entre rios”, toda a vida na Terra era comandada pela vontade dos residentes dos céus e dos infernos, isto é, as divindades do mundo superior e do mundo inferior. Diferentemente dos egípcios, os mesopotâmicos não acreditavam em vida após a morte e esta, tão pouco era considerada como o pior dos males. Para o homem mesopotâmico, a situação mais temida era a do esquecimento, não havia nada pior do que a indiferença com a memória da existência humana (POZZER, 2011a).

A análise das imagens configura-se como um campo recente de estudo que pertence à Nova História Cultural. Atualmente as imagens não são mais entendidas como ilustrações, mas parte integrante de um contexto que precisa ser pesquisado são evidências históricas tão sujeitas à análise quanto os textos que foram por muito tempo as bases do trabalho dos historiadores. Nos últimos tempos, os historiadores têm ampliado consideravelmente seus interesses para incluir não apenas eventos políticos, tendências econômicas e estruturas sociais, mas também a história das mentalidades, a história da vida cotidiana, a história da cultura material, a história do corpo, etc. Não teria sido possível desenvolver pesquisa nesses campos relativamente novos se eles tivessem se limitado a fontes tradicionais, tais como documentos oficiais produzidos pelas administrações e preservados em seus arquivos (BURKE, 2004).

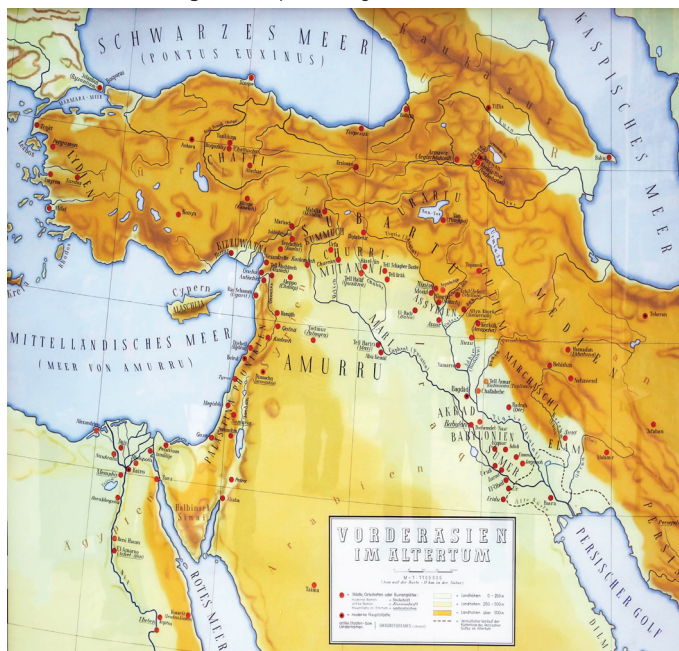
A arte parietal assíria está repleta de ícones, estes juntamente com os estudos referentes ao período irão contribuir para o entendimento destes símbolos e buscar, através da interpretação as diversas formas de manifestação desta sociedade que se configurava como extremamente belicosa e politeísta. Para os assírios a guerra não era somente um evento em que se travavam batalhas e que se destruíam o inimigo, mas parte de um acontecimento, nestas ocasiões os habitantes das outras regiões deveriam submeter-se ao que para os assírios era considerado uma conduta adequada. Na concepção assíria as campanhas militares e conseqüentemente a deportação faziam parte de uma reverência aos deuses do panteão, o conflito era necessário e divino parte integrante de uma missão em que todos estão a serviço dos deuses; pois para os assírios a existência dos homens não teria outra justificativa. Na ideologia assíria a destruição já tem por si só um sentido, porquanto punição de traições pregressas ou de ímpia resistência ao deus Aššur e ao rei, seu braço armado, coerentemente com o princípio de que a conquista significa a ampliação da ordem à custa da sedição e a afirmação da justiça à custa da iniquidade. (LIVERANI, 2008).

A guerra, portanto era a ocasião, o momento como os assírios deixavam-se conhecer, convenientemente seus costumes, sua religião e sua conduta enérgica estavam presentes nestes movimentos que além de bélicos, eram de expansão e supremacia territorial. A guerra para os assírios era a expressão máxima de ação sobre os outros e tudo que estabelecia seu ambiente, uma demonstração máxima das benesses que constituía pertencer ao universo assírio e seu supremo panteão. Quando a violência se manifesta, há homens

que se abandonam livremente a ela, até mesmo com entusiasmo, enquanto outros tentam impedir seus progressos. Com frequência, são exatamente estes últimos que permitem seu triunfo (GIRARD, 2008).

Estas reflexões detêm-se no I milênio a.C. no qual as fontes nos mostram o pujante crescimento de grandes potências como a persa, a neobabilônica e a neoassíria, este período será conhecido portanto como a “Idade dos Impérios”. O império Assírio consolidou-se no atual território do Iraque entre os rios Tigre e Eufrates, sendo suas principais cidades Nínive e Aššur como podemos observar (Figura 1).

Figura 1. Mapa do Antigo Oriente Próximo.



Entre os povos do Antigo Oriente Próximo, os Assírios em sua arte parietal revelam intenso domínio sobre os territórios e os autóctones que almejavam conquistar e deportar. Expressavam através destas intensas obras de arte sua astúcia imperialista, em lajes monumentais que adornavam o Palácio do Norte em Nínive estavam alguns conjuntos de lajes que retratam o deslocamento destas populações, estas lajes serviam como ostentação real onde o monarca ressaltava seus feitos militares objetivando mostrar o poder sobre as demais nações através da hegemonia militar e da extensão do império. No mundo mesopotâmico, o relevo sobre pedra teve um desenvolvimento muito vasto. Ele concretizava as funções narrativas que faltavam nas estátuas de corpo inteiro, permitindo a combinação das figuras em cenas e, desse modo, a evocação dos grandes acontecimentos da sociedade, desde os políticos até os religiosos. Havia diversos tipos de relevo, aos quais

correspondiam diversas fórmulas iconográficas. O relevo mesopotâmico podia assumir, essencialmente, quatro tipos distintos: a estela, a placa, o relevo rupestre e parietal e o sêlo-cilindro. A categoria mais importante é constituída pelos baixos-relevos sobre lajes de alabastro, repartidas em duas ou mais partes, recobrando as paredes dos palácios que poderiam ultrapassar 2 m de altura. As lajes triplas eram usadas, sobretudo nos templos. (POZZER, 2012a).

Entre os soberanos que nos deixaram este tipo de relevo está Assurbanipal rei da Assíria de (669 a 627 a.C.) que também é famoso por sua biblioteca de tabletas cuneiformes tendo sido um eminente monarca, tanto na autoridade e no prestígio quanto na cultura. O Palácio do Norte foi decorado magnificamente, várias obras de arte mostram a força superior do rei (Figura 2).

Figura 2. O Rei em combate com os leões (BM 124873-6).



O principal objetivo deste estudo é refletir sobre o domínio assírio ocorrido em territórios conquistados, na pesquisa destas fontes iconográficas e epigráficas podemos observar que muitas batalhas do monarca Assurbanipal foram empregadas na região do Elam⁴ e do Egito. Podemos evidenciar que guerra e sua intensidade bélica eram a principal ocupação dos reis, a conquista das cidades fortificadas a deportação de seus habitantes tornou-se um dos motivos dominantes dos relevos assírios.

Através desta laje que foi encontrada no palácio do Norte em Nínive, podemos identificar o quanto à expansão do império assírio ocorreu de forma significativa, pois em 664 a.C a 25ª dinastia soberana do Egito foi forçada a deixar o país (Figura 3). Esta imagem nos revela a ofensiva do exército assírio e toda a tecnologia empregada para a dissolução das forças inimigas. Identificamos nesta arte a utilização de artilharia pesada e ligeira. Verifica-se na linha superior as muralhas da cidade sendo infiltradas pelas tropas assírias através de escadas. Nos degraus verificamos os lanceiros da artilharia ligeira se movimentando em direção aos soldados da defensiva inimiga, enquanto a artilharia pesada faz o trabalho de retaguarda. Esta segunda é formada por duplas compostas de arqueiros e escudeiros e também lanceiros de ataque à distância. A guerra é um ato de

⁴ O Elam corresponde ao atual território do Irã

violência destinado a forçar a submissão do adversário (CLAUSEWITZ, 2010), portanto é possível identificar no mesmo segmento desta arte os soldados inimigos caindo das muralhas com flechas sobre o corpo. Esta representação demonstra a vantagem assíria na vitória. A laje mostra o ataque assírio a uma cidade egípcia, que poderia ser Mênfis ou Tebas. O fragmento está dividido em duas linhas horizontais. Na linha superior vê-se uma cidade com muralhas sendo fortemente atacada. Há muitos soldados assírios neste ataque e escadas são usadas para alcançar o topo das altas muralhas, os soldados assírios portam diferentes tipos de escudos (curvos, circulares, oblongos) para se proteger do contra-ataque desferido pelos egípcios do alto das muralhas. Os assírios ainda carregam lanças, arco e flecha com diferentes tipos de elmos. Vemos soldados egípcios caindo. No centro da imagem identificamos um soldado assírio se protegendo com um escudo oblongo com a mão direita, enquanto que a mão esquerda segura tochas. Um pouco mais à esquerda, vê-se um soldado assírio com uma lança abrindo um buraco na muralha.

O objetivo final é uma assimilação linguística, cultural, política o mais completa possível, de modo a transformar os vencidos em assírios. A assimilação completa a conquista, transformando um reino rebelde e estranho numa nova província do cosmo diretamente dependente do rei e do deus Aššur (LIVERANI, 2008).

Figura 3. O saque de uma cidade egípcia (BM 124928)



MATERIAL E MÉTODOS

Através do estudo das imagens entendemos que estas representações nos remetem a um determinado período que tem sempre algo a nos revelar, a nos dizer, são histórias e interpretações de uma época e de um mundo que já não é distante, mas repleto de significados e possibilidades. Estes registros tem portanto a qualidade de emergir da

corrente do tempo, e é precisamente neste sentido que são estudados pelo humanista. Este é, fundamentalmente um historiador. (PANOFSKY, 2007).

As imagens, portanto nos conduzem além do que mostram as atitudes que temos diante destas representações, as distinções que se fazem diante dos ícones e das simbologias é que irão determinar as discussões a cerca das percepções que são construídas e das interpretações que são reveladas a partir do cruzamento e da interlocução das fontes. Parte do equipamento mental com que um homem organiza sua experiência visual é variável e culturalmente relativo, no sentido de ser determinado pela sociedade que influenciou sua experiência. Por isso, a tarefa do historiador é recuperar a “visão do período”: a maneira de ver culturalmente específica, peculiar (GASKEL, 2011).

Utilizamos como metodologia neste trabalho a análise iconográfica e a interpretação iconológica estudada na obra de Erwin Panofsky, historiador da arte e crítico alemão, Iconologia, portanto, é um método de interpretação que advém da síntese mais do que da análise. E assim como a exata identificação dos motivos é o requisito básico de uma correta análise iconográfica, também a exata análise das imagens, estórias e alegorias é o requisito essencial para uma correta interpretação iconológica. (PANOFSKY, 2007).

Dentre as narrativas que revelam a soberania assíria mediante as demais populações para a análise da deportação utilizaremos a imagem denominada: A captura da cidade elamita de Din Šarri (BARNETT, 1976).

Figura 4. Desenho de W. Boucher. A Captura da Cidade Elamita de Din Šarri.

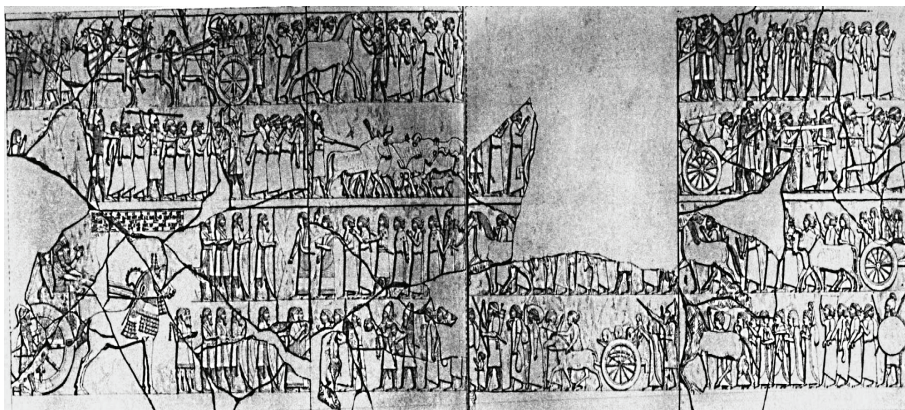


Figura 5. Parte do relevo que narra à conquista da cidade elamita de Din-Šarri. Localização: Museu do Louvre, referência: AO 19907. Datação: Entre 668-627 a.C. Foto: Katia M.P. Pozzer



Neste relevo podemos observar o quanto para os assírios era importante mostrar as diferenças, pois se pode ver que o soldado assírio apresenta-se com estatura maior que a dos deportados (Figura 5). A maneira como os assírios estão representados nas lajes visam transmitir poder e vitalidade, já os expatriados precisavam ser vistos como submetidos ao império e aos deuses. Analisando as formas dos corpos podemos verificar a importância que cada indivíduo tem ao ser esculpido, minuciosamente os rostos, os corpos e suas ações são gravados, pode-se examinar as diferentes perspectivas que o artista pretende transmitir assim como a profundidade da cena. Aplica-se a ideia de movimento, pois alguns indivíduos estão retratados em ações específicas seja esta um olhar ou um gesto. Vê-se também as vestes simples, que caracterizam os deportados que estão descalços, com as mãos unidas. Dois destes carregam os espólios, enquanto o soldado assírio impõe uma vara e mostra o caminho para aquele que ousou olhar para trás.

RESULTADOS PARCIAIS

As deportações em massas eram uma prática anterior ao período de Assurbanipal e foram uma das sustentações deste império, que se propunha a expandir, através das conquistas militares, os expatriados eram parte integrante do processo de deportação, pois traziam consigo seus conhecimentos militares e também os referentes à arte e a agricultura. Os soldados com famílias recebiam autorização para aumentar sua própria produção em terras do palácio em troca de serviço militar. Para o grande exército havia um edifício chamado “Ekal masarti”, que seria uma espécie de alojamento com grandes pátios internos para as tropas de triagem, com salas de armazenamento de materiais e unidades residenciais, onde os soldados habitavam e se concentravam para as batalhas.

Salientamos que a deportação assíria foi de homens juntamente com suas famílias e eles ainda tendiam a manter a comunidade estruturada dos deportados para transporte e reassentamento dos grupos de acordo com a geografia, e através de pequenos acordos nacionais que preservaram afinidades culturais. Um elemento crucial e notório do processo de aculturação foram às deportações que teriam uma dupla finalidade. Repovoar campos de cidades assírias que haviam sofrido com um acentuado declínio da população devido às campanhas militares, convenientemente instalavam-se grupos de camponeses nos campos assírios adquirindo-se competências técnico-artesanais para os trabalhos de construção e para o funcionamento da corte (LIVERANI, 1995).

Todavia salienta-se o deslocamento de grupos de uma região para outra que não iam somente para a Assíria havia também o deslocamento entre províncias o que irá configurar-se em deportações cruzadas, esse cruzamento irá contribuir para assimilação linguística, política e cultural tendo em vista o intenso domínio nestas regiões. Essa interação social irá contribuir para a aculturação destes povos.

Na maioria dos relevos estudados as mulheres aparecem como deportadas e responsáveis pelas crianças, isso denota a importância feminina nas antigas sociedades orientais, não aquela que esta subjugada, mas a responsável pela continuidade do grupo, a que protege as futuras gerações, encarregada de sua alimentação e cuidado. Podemos verificar a predominância masculina nesta laje, pois vê-se que todos estão descalços e a presença do poder assírio é comprovada não só no soldado que carrega o armamento, mas também nas diferenças étnicas sobre os outros povos as distinções de vestuário de penteados, todos serão bem marcados e os assírios serão identificados devido a sua robustez e vigor.

Deportavam-se famílias inteiras, comunidades homogêneas, justamente para manter alto o moral e a vontade de viver e de trabalhar (LIVERANI, 2008).

Entre as bibliografias utilizadas para a realização deste estudo está o trabalho do professor Bustenay Oded que em seu trabalho esteve em contato com os textos administrativos. Estas inscrições reais manifestam desde os primeiros contatos com os deportados que estavam sob a autoridade dos funcionários oficiais, estes eram os principais agentes que escreviam e recebiam os documentos, é importante salientar que estes documentos referiam-se ao número total de deportados numa campanha.

O pesquisador salienta que seu trabalho pode estar elencado em números exagerados, todavia pode-se estimar um total de quatro e meio milhões de deportados para um período de cerca de três séculos. Muito pode ser aprendido sobre as maneiras pelas quais as deportações foram realizadas a partir dos relevos encontrados nos palácios dos reis Assírios (ODED, 1979).

A destruição assíria está arqueologicamente documentada pelo estrato VI da Samaria; a cidade assíria é a do estrato VII. Manassés viu passar ao longo dos caminhos de Judá os exércitos de Esarhaddon em 673 e de Assurbanipal em 663 que se dirigiam à conquista do Egito, e até teve de dar assistência e contribuições, sendo citado nos anais de um e de outro como fiel vassalo. Mas na metade do século o estímulo propulsivo estava totalmente esgotado e a inatividade do já velho Assurbanipal permitiu a periferia do império recobrar o fôlego (LIVERANI, 2008).

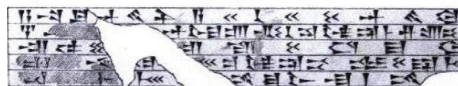
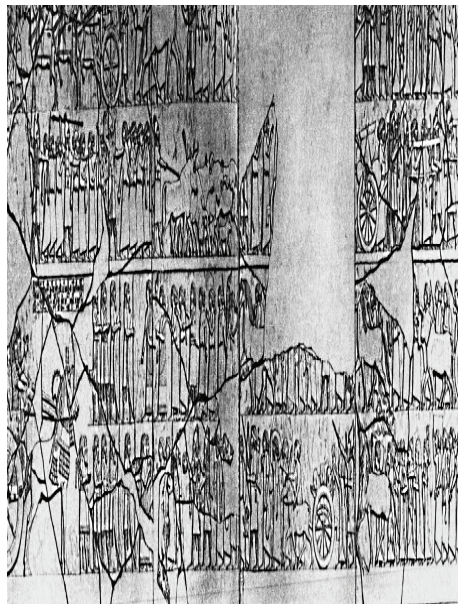
Figura 6. Tabela com os governantes e números estimados de deportações. (ODEB, 1979, p.20).

20 "Facts" and Figures				
Mass-deportation in the Neo-Assyrian Empire (Tabulated Summary)				
Ruler	Number of deportations	Number of deportees		
		complete totals known from sources	incomplete totals known from sources	cases with number of deportees not given
Ashur-dan II	2			2
Adad-nerari II	1			1
Tukulti-Ninurta II	2			2
Ashurnasirpal II	13	12,900		5
Shalmaneser III	8	167,500		3
Shamshi-Adad V	6	36,200		2
Adad-nerari III	1			1
Shalmaneser IV				
Ashur-dan III				
Ashur-nerari V				
Tiglath-pileser III	37	368,543	(x)+ 25,055	19
Shalmaneser V	1			1
Sargon II	38	217,635	(x)+ 21,650	24
Sennacherib	20	408,150	(x)+ 61,000	17
Esarhaddon	12			12
Ashurbanipal	16			16
Total	167	1,210,928	(x)+107,705	105

Através da bibliografia estudada podemos observar que Assurbanipal manteve uma prática recorrente já estabelecida por seu avô Senaqueribe (704-681 a.C) e seu pai Esarhaddon (680-669 a.C) (Figura 6). A deportação e a sistemática anexação de territórios davam-se, portanto à medida que passavam-se as gerações, os territórios que Senaqueribe conquistou eram, portanto um direito de Assurbanipal, sua propriedade e parte integrante do seu reino. A partir destas anexações podemos verificar que o discurso preponderante nos relevos de Assurbanipal sendo ele neto e filho de reis conquistadores, é de que possui as terras por um direito consanguíneo, mas também divino.

Deportar era um gesto legitimado pelos deuses que estão presentes na fé e consequentemente na palavra. Deportar significava a ação dos assírios sobre as forças que impediam os outros povos de fazerem parte desta sociedade (POZZER, 2008).

Podemos verificar a inscrição em que o rei e seu discurso são parte integrante da narrativa da guerra. Assim, a guerra foi o grande tema dos baixos-relevos esculpidos pelos artesãos assírios do século VIII a.C ao século VII a.C. A fama histórica que os assírios alcançaram por meio de narrativas de outros povos se fez repercutir por meio de uma concepção por vezes estereotipada, a de um povo guerreiro e essencialmente cruel com seus inimigos. A documentação iconográfica proveniente do período neoassírio está repleta de cenas de guerra, tortura, aprisionamento e decapitação de inimigos. Juntamente com a iconografia estão as documentações textuais: inscrições reais e inscrições padrões que acompanhavam os baixo-relevos ou muitas vezes eram expostas em público. Estas trazem, em sua íntegra, discursos em primeira pessoa do rei assírio e das ações bélicas empreendidas pelo exército assírio (POZZER; SILVA; CERQUEIRA, 2012b).



THE EPIGRAPH ON SLAB (A). COPIED BY W. BOUTCHER

Eu, Assurbanipal, Rei do Universo, o rei da terra de Aššur, que no comando de Aššur e Ninli atingiu os desejos do seu coração: eu a sitiei e capturei a cidade de Din-Šarri, uma cidade Elamita, e trouxe os carros de combate, carroças de cavalos e mulas, e contei seus espólios. (BARNETT, 1976, p.12).

A inscrição presente no relevo evidencia o apogeu do império assírio no reinado do soberano Assurbanipal. Em seu discurso, em primeira pessoa, o soberano prova a sua superioridade, somente ele é que sitia e captura a cidade, podemos notar que faz-se questão de mostrar Din-Šarri como uma cidade elamita. O soberano apresenta-se como rei do universo e rei da terra de Aššur⁵.

Observamos que o rei está no seu carro de guerra, destacadamente representado, podemos observar que o condutor foi esculpido ao lado do rei, porém o soberano está adiante do servo obtendo além de uma estatura maior a mão erguida, pode-se interpretar como em sinal de ordem, estas dimensões correspondem ao significado de Lugal⁶.

As deportações ocorriam de forma sistemática dentro das políticas imperiais em inscrições reais assírias aparecem em textos de negócios administrativos e jurídicos os deportados realizando diversas operações administrativas. Nos estudos da deportação observamos também que as práticas de punições ocorriam devido a rebeliões contra as regras assírias, essas rebeliões corroboravam para a liquidação das potências rivais ampliando o exército assírio e conseqüentemente a aquisição de trabalhadores qualificados.

Na arte parietal os assírios reverberavam seu poder à medida que além de esculpirem suas imagens evidenciam suas ações, atuam na obra artística, porém quem se destaca são cativos expatriados. Na laje observamos os espólios de guerra que serão as provisões para a longa viagem. Esse soldo também será utilizado no comércio, de modo que gere precedentes permitindo-lhes investimentos nas construções e embelezamento de gigantescos palácios que reafirmavam a grandeza e a suntuosidade do império.

Para os assírios a deportação não era uma forma de escravização, deportar era parte de uma ideologia que propunha a fusão das nações e a união da humanidade de maneira cultural e espiritual.

A Assíria de 934 a 827 a.C. parte em conquista dos territórios que haviam sido ocupados pelos arameus no II milênio a.C e o resultado é impressionante: sob o reinado de Assurnasirpal II (883-859 a.C) e de seu filho Salmanasar III (853-824 a.C) formou-se um vasto território que se estendia até o Mediterrâneo. Uma crise de 83 anos marcou uma interrupção neste processo de expansão, com perturbações sociais no interior da Assíria. O reinado de Teglathalassar III (745-727 a.C) iniciou com uma política de conquistas em todo o Oriente próximo ocidental. O antigo reino tradicional dá lugar à um império centralizado em torno da figura do rei legitimado pelo clero. Uma nova dinastia toma o poder e consolida o império assírio com Sargão II, Senaqueribe, Esarhaddon e

⁵ Aššur é o deus da nação Assíria, principal divindade masculina do panteão mesopotâmico.

⁶ Na língua suméria LUGAL significa, literalmente, o homem grande, isto é, o rei.

Assurbanipal. Mas problemas estruturais provocaram uma enorme crise que desembocou na catástrofe de 614 a.C. em quatro anos o império desmoronou pela ação dos medas e babilônicos. (POZZER, 2012a).

Os deportados deveriam acreditar que estavam indo para um lugar melhor tornar-se-iam cidadãos de um grande reino, servos de um rei poderoso que não era somente rei da Assíria, mas rei do mundo sendo dono da cidade em que viviam, e de suas vidas. Ao monarca era dado o direito de punição, tortura e execução e também o direito ao soldo da guerra. A guerra é descrita como excepcional, e uma necessária atividade. Na Antiguidade, quando entardecia a máquina de guerra era o instrumento jurídico anexado ao serviço do poder real, que sempre cautelosamente era considerado como justo. (BAHARANI, 2008.) Gentes das quatro partes do mundo, de língua estrangeira e de idioma incompreensível, habitantes de montanhas e de planuras, todos súditos da luz dos deuses e senhor de tudo, eu os transportei por ordem de Assur meu senhor e pelo poder de meu cetro. Eu os fiz se tornarem de uma só língua e os insidiei ali. Designei-lhes assírios como escribas e vigilantes, capazes de lhes ensinar o temor de deus e do rei. (LIVERANI, 2008 p. 296).

CONCLUSÃO

O estudo do mundo antigo oriental nos mostra a importância das imagens para este povo da antiguidade, os assírios revelam através da arte parietal não somente suas conquistas bélicas, mas sua interpretação do mundo. Através do estudo destas fontes iconográficas pode-se entender que os relevos não são uma tradução pictórica dos textos, o que existe é uma complementaridade, uma associação de dois modos de expressão.

Neste sentido se percebe o quanto a reflexão sobre estes monumentos ensejam cotidianamente a pesquisa e a novas interpretações do universo assírio. Para assírios a arte não era somente o ato de esculpir o alabastro, mas de enaltecer o poder da memória a fim de eternizarem-se no tempo.

As primeiras observações efetuadas sobre as lajes nos revelam a importância do método de estudo, sendo as imagens fontes inesgotáveis de interrogação faz-se necessário o conhecimento da política, da religião, da economia e das práticas sociais.

Estes documentos históricos salientam as conquistas assírias, são ápices de momentos, que não fazem somente parte de um discurso de propaganda real, mas determinam um papel político e social que irá reverberar-se na formulação da arte parietal mostrando como os assírios se veem e como querem que os outros sejam vistos. O olhar primário para arte tende a nos levar a construção de um juízo de valor, porém é necessário atentar que os assírios também sofriam ataques, tanto que este vasto império se finda com o rei Assurbanipal, indo do apogeu a aniquilação.

A deportação foi um dos temas preponderantes dos relevos, pois através da imposição da supremacia, seja na força das batalhas ou nos adornos dos palácios, os assírios assumiam a missão divina de transformar os povos conquistados em assírios,

tendo em vista que se consideravam os reis do mundo, a construção da imagem real faz parte de um discurso impregnado de vitórias que legitimavam a assimilação linguística e cultural imposta. As imagens nos indicam o pensamento da época, os temores, os sonhos e a religiosidade deste povo que estão transmitidos nestas pedras de alabastro, pois muito mais que mostrarem a crueldade revelam a necessidade de conquista e poder que permeiam não só os povos antigos, mas a humanidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAHRANI, Z. **Rituals of War The body and violence in Mesopotamia**. New York: Zone Books, 2008.
- BARNETT, R. D. **Sculptures from the north palace of Ashurbanipal at Nineveh (668-627 B. C)**. London: The British Museum Publications, 1976.
- BIENKOWSKI, P; MILLARD, A. **Dictionary of the Ancient near East**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2000.
- BLACK, J; GREEN, A. **Gods, Demons and Symbol of Ancient Mesopotamia**. London: The British Museum Press, 1992.
- BOTTÉRO, J. **No começo eram os deuses**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.
- BURKE, P. **Testemunha Ocular**. São Paulo: Edusc, 2004.
- CLAUSEWITZ, C. V. **Da Guerra**. São Paulo: Martin Fontes, 2010.
- CURTIS, J. E.; READE, J. E. **Art and Empire: Treasures from Assyria in the British Museum**. New York: The Metropolitan Museum of Art, 1995.
- FAIVRE, X. Deportations et Butin. **Les Dossiers D' Archeologie**, Paris, n. 160, p. 70-75, 1991.
- GASKELL, I. História das Imagens. In: BURKE, P. (Org.) **A escrita da história novas perspectivas**. São Paulo: Unesp, 1992.
- GIRARD, R. **A violência e o sagrado**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- LIVERANI, M. **Para além da Bíblia**. São Paulo: Paulus, 2008.
- _____. **El Antiguo Oriente Historia, sociedad y economia**. Barcelona: Crítica, 1995.
- MARINHO, D. C.; POZZER, K. M. P; SIQUEIRA, M. G. A interpretação das imagens e o ensino da História: Iconografia da Guerra Assíria. **Aedus**, v. 4, n. 11, p. 232-244, 2012.
- NADALI, D. Ashurbanipal against Elam figurative patterns and architectural location of the Elamite wars. **Historiae**, Roma, n. 4, p. 57-91, 2007.
- ODED, B. **Mass Deportations and Deportees in the Neo-Assyrian empire**. Wiesbaden: Verlag, 1979.
- _____. **War, Peace and Empire: Justifications for war in Assyrian Royal Inscriptions**. Wiesbaden: Verlag, 1992.
- PANOFSKY, E. **Significado nas Artes Visuais**. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- POZZER, K. M. P. A Magia na Mesopotâmia. In: FUNARI, P. P; SILVA, J. G; MARTINS, A. L. (Orgs.). **A busca do antigo - contribuições brasileiras**. São Paulo: Fapesp/ Annablume, 2008.
- _____. Uma História Assíria: o espetáculo do terror em uma composição artística. In: ROSA, C. B. et al. (orgs.). **A Busca do Antigo**. Rio de Janeiro: Nau, 2011 a.

_____. O jardim do pecado: uma narrativa de violência sexual na Mesopotâmia. In: FUNARI, P. P.; GARRAFFONI, S. R.; GRILLO, G. J. (orgs). **Sexo e violência**: Realidades antigas e questões contemporâneas. São Paulo: Annablume, 2011b.

_____. Poder, Guerra e Violência na Iconografia Assíria. **Phônix**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p.12-25, 2011c.

_____. Guerra e Arte no Mundo Antigo: Representação Imagética Assíria. In: CARLAN, U. C. et al (orgs). **História Militar do Mundo Antigo**: Guerras e Representações. São Paulo: Annablume, 2012a.

POZZER, K. M. P.; CERQUEIRA, F. V.; SILVA, S. S. Música e Iconografia entre os Assírios. **Revista Clássica**, 2012b. Disponível em: <<http://revista.classica.org.br>>. Acesso em: 23 jul. 2013.

SERRES, R. S et al. A Tecnologia da Guerra nos Relevos Neo-Assírios. **Revista de Iniciação Científica da Ulbra**, n. 7, p. 169-179, 2008.

SILVA, K; SILVA, M; **Dicionário de Conceitos Históricos**. São Paulo: Contexto, 2012.